

USO E REFLEXÃO NO ENSINO DE GRAMÁTICA: UMA INOVAÇÃO POSSÍVEL NAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Camilla Maria Martins DUTRA¹
Laura Dourado LOULA²

RESUMO:

Em virtude de uma tradição ainda sobrepujante de desarticulação entre uso e reflexão da língua, torna-se pertinente a reflexão sobre como deve proceder um professor, empenhado em se afastar dessa abordagem tradicional de gramática, na elaboração de atividades didáticas que se aproximem de um enfoque centrado no uso da língua. De antemão, compreendemos a produção da inovação como uma reconfiguração dos modos rotineiros de agir e, no caso específico do ensino de gramática, acreditamos que tal inovação se refere à adoção de uma abordagem de Língua Portuguesa com foco na articulação entre texto, gênero e gramática. Para tanto, dispusemo-nos a construir atividades que integrassem essas noções, na tentativa de substituir a prática de uso do ‘texto como pretexto’ por um tratamento funcional de aspectos linguísticos. Diante do exposto, a objetivo desse trabalho reside em apresentar uma proposta de atividade de leitura e análise linguística baseada nos postulados da Semântica Lexical. Embasados nos conceitos de sinonímia de Lyons (1979), Lopes e Pietroforte (2004) e em Antunes (2005), elaboramos uma proposta de aula de leitura e análise linguística a partir de uma crônica e da exploração da categoria gramatical ‘adjetivo’. Verificamos, pois, que é possível conciliar a percepção e a análise da sinonímia com as de uma categoria gramatical, respeitando as especificidades do gênero textual, sem necessariamente reproduzir um estudo das listas improdutivas de sinônimos, ou persistir num estudo nada funcional dos adjetivos.

PALAVRAS-CHAVE: inovação; sinonímia; crônica; adjetivo; análise linguística.

INTRODUÇÃO

Os conteúdos para a prática de Análise Linguística ou o eixo da reflexão sobre a língua, proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) de Língua

1 UEPB, Centro de Ciências Humanas e Exatas (Campus VI – Monteiro), Departamento de Letras, Rua Abelardo Pereira dos Santos, 131, Centro, CEP 58500-000, Monteiro, Paraíba, Brasil, camillinhaa@hotmail.com

2 UFPB, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba – Campus I, Conjunto Humanístico – Bloco IV, Cidade Universitária, CEP 58059-900, João Pessoa, Paraíba, Brasil, douradoloula@gmail.com

Portuguesa, no final da década de noventa do século passado, exigem uma compreensão mais acurada dos professores e implicam uma rediscussão do ensino de gramática em geral e, em particular, do que se tem chamado de gramática funcional ou gramática no texto ou ainda das ditas atividades epilinguísticas e metalinguísticas, atitudes essas muito raras em nosso ambiente educacional, segundo Rojo (2000:32).

Para uma melhor compreensão dessa constatação, diríamos que, especificamente nos PCN (1999), a análise linguística é definida como as atividades que se podem classificar em epilinguísticas e metalinguísticas. Apesar de ambas corresponderem a atividades de reflexão sobre a língua, elas se diferenciam nos seus fins. Nas atividades epilinguísticas a reflexão está voltada para o uso, no próprio interior da atividade linguística que realiza. Já as atividades metalinguísticas estão relacionadas a um tipo de análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos linguísticos. Para além da ausência dessas atividades epilinguísticas e metalinguísticas em nosso ambiente educacional, estaria a não articulação entre os dois eixos básicos da Língua Portuguesa, de acordo com esses documentos oficiais: o uso da língua oral e escrita e a reflexão sobre a língua e a linguagem, e, mais especificamente, entre a prática de escuta e de leitura de textos, prática de produção de textos orais e escritos – ambas relacionadas ao eixo uso – e prática de análise linguística – relacionada ao eixo reflexão. Faz-se prática constante em nossas salas de aula o estudo desarticulado entre uso e reflexão da língua, o que acaba por promover no aluno uma visão equivocada de independência entre o uso real da língua e os conteúdos de gramática.

Partindo dessas constatações e embasados na teoria da Semântica Lexical, segundo os conceitos de sinonímia de Lyons (1979), Lopes e Pietroforte (2004) e em Antunes (2012), o objetivo desse trabalho reside, pois, em apresentar uma proposta de aula de leitura e análise linguística a partir da crônica *O estranho procedimento de dona Dolores*, de Luis Fernando Verissimo e da exploração da categoria gramatical ‘adjetivo’, numa perspectiva que se pretende epilinguística. Nossa compreensão é a de que a produção da inovação no ensino de gramática refere-se à adoção de uma abordagem de Língua Portuguesa com foco na articulação entre texto, gênero e gramática como sugerem os documentos oficiais. Para tanto, dispusemo-nos, pois, a construir atividades que integrassem essas noções, na tentativa de substituir a prática de uso do texto como pretexto por um tratamento funcional de aspectos linguísticos.

No que se refere ao conteúdo gramatical, trabalhamos especificamente com a classe de palavras ‘adjetivo’, numa perspectiva que se pretende epilinguística, na

medida em que parte da reflexão sobre o uso dos adjetivos na crônica até a uma elaboração, pelo próprio aluno, de um conceito de adjetivo. Antes, porém, de passarmos à análise da atividade propriamente dita, julgamos conveniente apresentar os conceitos sinonímia e o de adjetivo adotados neste trabalho.

2. A SINONÍMIA NA SEMÂNTICA LEXICAL

A definição de sinonímia defendida por Lyons (1979) é construída a partir de uma objeção feita à noção de Ullmann (1987) de que só podemos considerar sinônimas “as palavras que se podem substituir em qualquer contexto, sem a mais leve mudança ou no sentido afetivo ou no sentido cognitivo” (Ullmann in Lyons, 1979:476). Assim, a sinonímia total, afirma Lyons, “é um fenômeno raro na língua, uma vez que há poucos sinônimos perfeitos, se é que, de fato, eles existem.” (p. 476)

De acordo com Lyons (1979), a sinonímia não diz respeito apenas à relação de sentido existente entre as palavras, mas pode decorrer em função do contexto. Partindo dessa premissa, uma dada informação pode ser, na língua, determinada sintagmática ou paradigmaticamente, o que dependerá das escolhas lexicais feitas pelo falante, além do contexto em que o mesmo está situado. Dessa maneira, vale salientar que a grande contribuição de Lyons é, portanto, evidenciar que a sinonímia é dependente do contexto.

Seguindo o mesmo raciocínio, Lopes e Pietroforte (2004) consideram que dois termos são chamados sinônimos quando apresentam a possibilidade de se substituir um ao outro em determinado contexto. ‘Novo’ é ‘sinônimo de jovem’, porque, no contexto ‘homem novo’, pode ser substituído por ‘jovem’. No entanto, não existem sinônimos perfeitos, porque eles não são intercambiáveis em todos os contextos. Isto significa que no discurso, o enunciador pode tornar sinônimas palavras ou expressões que em outro contexto não o são.

Para Antunes (2012), “a principal função da sinonímia se manifesta no âmbito do texto, quando a ocorrência de uma palavra e de seu sinônimo cria e sinaliza nexos de continuidade e sinais de unidade”. (p. 78). De modo complementar a esta função coesiva da sinonímia, Antunes (2005) observa que a continuidade observada nos textos é proveniente da continuidade semântica estabelecida entre os vários segmentos. E, como a coesão resulta dessa rede de relações, Antunes chamou-as de relações textuais.

Nesse trabalho, adotamos, pois, um conceito de sinonímia dependente do contexto de produção e ainda como recurso linguístico de coesão na constituição da textualidade. Também de modo ampliado, adotamos um conceito de adjetivo que ultrapassa a classificação oferecida pela Gramática Tradicional. A seguir, procedemos à discussão da proposta de estudo do adjetivo considerada para esse trabalho.

3. POR UM CONCEITO AMPLIADO DE ADJETIVO

Na tentativa de abarcar as funções que podem vir a ser desempenhadas pelos adjetivos, Neves (2000) distribuiu-os em duas subclasses, a saber:

Qualificadores ou qualificativos, que indicam, para o substantivo que acompanham, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem. Diz-se que esses adjetivos qualificam o substantivo, o que pode implicar uma característica mais ou menos subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade. Essa atribuição de uma propriedade constitui um processo de predicação, e, por isso, esses adjetivos podem ser considerados de tipo predicativo: Nossa vida SIMPLES era RICA, ALEGRE e SADIA. (ANA) (p. 184)

Classificadores ou classificatórios, que colocam o substantivo que acompanham em uma subclasse, trazendo em si uma indicação objetiva sobre sua subclasse. Eles constituem, pois, uma verdadeira denominação para a subclasse, e, portanto, são denominativos, e não predicativos, possuindo um caráter não-vago: Interessam-nos todas as companhias de indústrias ALIMENTÍCIAS, que entraram com fortes somas.(BH)

A partir das considerações da autora, observamos uma certa “flexibilidade” no tratamento do adjetivo. Dependendo do contexto em que aparecem, os adjetivos podem ser substantivados ou exercer, de fato, a função de adjetivos; podem admitir a função de qualificadores, ou, simplesmente, classificar o substantivo que acompanham. Por essa razão, concordamos com Maher (1987:86) quando argumenta: “Nesta nova perspectiva, as definições não são mais suficientes, nem mesmo necessárias, já que é no contexto que o significado do adjetivo se constrói”. Apoiados nessa proposição de Maher, elaboramos, para o estudo do adjetivo, atividades que se aproximam do que poderia se considerar “gramática reflexiva”, ou atividades epilinguísticas, na medida em que

partem da reflexão sobre o uso/escolha do item gramatical para, ao final, focalizar sua conceituação, atividade metalinguística. A seguir, transcrevemos a crônica a partir da qual construímos as atividades.

4. A ATIVIDADE PROPOSTA

- Leia a crônica abaixo e responda ao que se pede:

O estranho procedimento de dona Dolores

Começou na mesa do almoço. A família estava comendo – pai, mãe, filho e filha – e de repente a mãe olhou para o lado, sorriu e disse:

- Para a minha família, só serve o melhor. Por isso eu sirvo arroz Rizobon. Rende mais e é mais gostoso.

O pai virou-se rapidamente na cadeira para ver com quem a mulher estava falando. Não havia ninguém.

- O que é isso, Dolores?

- Tá doida, mãe?

Mas dona Dolores parecia não ouvir. Continuava sorrindo. Dali a pouco levantou-se da mesa e dirigiu-se para a cozinha. Pai e filhos se entreolharam.

- Acho que a mamãe pirou de vez.

- Brincadeira dela...

A mãe voltou da cozinha carregando uma bandeja com cinco taças de gelatina.

- Adivinhem o que tem de sobremesa?

Ninguém respondeu. Estavam constrangidos por aquele tom jovial de dona Dolores, que nunca fora assim.

- Acertaram! – exclamou dona Dolores, colocando a bandeja sobre a mesa. – Gelatina Quero Mais, uma festa em sua boca. Agora com os novos sabores framboesa e maga.

O pai e os filhos começaram a comer a gelatina, um pouco assustados. Sentada à mesa, dona Dolores olhou de novo para o lado e disse:

- Bote esta alegria na sua mesa todos os dias. Gelatina Quero Mais. Dá gosto comer!

Mais tarde o marido de Dona Dolores entrou na cozinha e a encontrou segurando uma lata de óleo à altura do rosto e falando para uma parede.

- A saúde da minha família em primeiro lugar. Por isto, aqui em casa só uso o puro óleo Paladar.

- Dolores...

Sem olhar par o marido, dona Dolores o indicou com a cabeça.

- Eles vão gostar.

O marido achou melhor não dizer nada. Talvez fosse caso de chamar um médico. Abriu a geladeira, atrás de uma cerveja. Sentiu que dona Dolores se colocava atrás dele. Ela continuava falando para a parede.

- Todos encontram tudo o que querem na nossa Gelatec, agora com prateleiras superdimensionadas, gavetas em Vidro - Glass e muito, mas muito mais espaço. Nova Gelatec Espacial, cabe - tudo.

- Pare com isso, Dolores.

Mas dona Dolores não ouvia. Pai e filhos fizeram uma reunião secreta, aproveitando que dona Dolores estava na frente da casa, mostrando para uma plateia invisível as vantagens de uma nova tinta de paredes.

- Ela está nervosa, é isso.

- Claro. É uma fase. Passa logo.

- É melhor nem chamar a atenção dela.

- Isso. É nervos.

Mas dona Dolores não parecia nervosa. Ao contrário, andava muito calma. Não parava de sorrir para seu público imaginário. E não podia passar por membro da família sem virar-se para o lado e fazer um comentário afetuoso:

- Todos andam muito mais alegres desde que eu comecei a usar Limpol nos ralos.

Ou:

- Meu marido também passou a usar desodorante Silvester. E agora todos aqui em casa respiram aliviados.

Apesar do seu ar ausente, dona Dolores não deixava de conversar com o marido e com os filhos.

- Vocês sabiam que o laxante Vida Mansa agora tem dois ingrediente recém-desenvolvidos pela ciência que o tornam duas vezes mais eficiente?

- O quê?

- Sim, os fabricantes de Vida Mansa não descansam para que você possa descansar.

- Dolores...

Mas dona Dolores estava outra vez virada para o lado, e sorrindo:

- Como esposa e mãe, eu sei que minha obrigação é manter a regularidade da família. Vida Mansa, uma mãozinha da ciência à natureza. Experimente!

Naquela noite o filho levou um susto. Estava escovando os dentes quando a mãe entrou de surpresa no banheiro, pegou a sua pasta de dente e começou a falar para o espelho.

- Ele tinha horror de escovar os dentes até que eu segui o conselho do dentista, que disse a palavra mágica: Zaz. Agora escovar os dentes é um prazer, não é, Jorginho?

- Mãe, eu...

- Diga você também a palavra mágica. Zaz! O único com HXO.

O marido de dona Dolores acompanhava, apreensivo, da cama, o comportamento da mulher. Ela estava sentada na frente do toucador e falando para uma câmara que só ele via, enquanto passava creme no rosto.

- Marcel de Paris não é apenas um creme hidratante. Ele devolve à sua pele o fresco que o tempo levou, e que parecia perdido para sempre. Recupere o tempo perdido com Marcel de Paris.

Dona Dolores caminhou, languidamente, para a câmara, deixando cair seu robe de chambre no caminho. Enfiou-se entre os lençóis e beijou o marido na boca. Depois, apoiando-se num cotovelo, dirigiu-se outra vez para a câmara.

- Ele não sabe, mas estes lençóis são da nova linha Passional da Santex. Bons lençóis para maus pensamentos. Passional da Santex. Agora, tudo pode acontecer... [...]

(Fonte: Luis Fernando Veríssimo. *O nariz e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1994,p.48-50.)

1. Com base na leitura e discussão da crônica “O estranho procedimento de dona Dolores”, responda:

- a) Por que a crônica recebe esse título?
- b) Você a considera engraçada? Por quê?
- c) Quais os personagens da crônica?

- d) Comente, de forma breve, as atitudes estranhas de dona Dolores.
- e) Em sua opinião, o que pode ter levado dona Dolores a agir dessa maneira?

2. a) Releia as falas de dona Dolores e preencha o quadro abaixo, relacionando o produto às expressões positivas.

Produto	Expressão(ões) positiva(s)

b) Na crônica, termos como “doida”, “pirou”, “nervosa” são associadas à dona Dolores. Em sua opinião, por que tais expressões negativas são utilizadas por seus familiares na avaliação do comportamento de dona Dolores?

c) Dentre as expressões identificadas (positivas e negativas), quais são classificadas como adjetivos, segundo a Gramática Tradicional?

d) Identifique outros adjetivos na crônica, explique a que/a quem tais termos se referem e tente prever a intenção do cronista ao fazer uso dos adjetivos analisados por você.

3. Dentre os adjetivos identificados, quais deles podem ser considerados sinônimos? Tais pares são considerados sinônimos em todo e qualquer contexto ou apenas nessa crônica, em específico? Justifique.

4. Com base nos estudos realizados em sala de aula sobre o adjetivo, elabore uma definição para essa classe de palavras, respondendo a questionamentos como: Qual a função do adjetivo?; Quando usamos?; Com qual(is) objetivo(s)?

5. O GÊNERO CRÔNICA E A ESCOLHA DO ADJETIVO

A crônica é um gênero textual que oscila entre literatura e jornalismo e, antes de ser reunida em livros, costuma ser veiculada em jornal ou revista. É um texto que narra de forma artística e pessoal fatos circunstanciais, situações corriqueiras do cotidiano, episódios dispersos e acidentais, como, por exemplo, um flagrante de esquina, o comportamento de uma criança ou de um adulto, um incidente doméstico, etc. Geralmente, é um texto curto e leve, escrito com o objetivo de divertir o leitor e/ou levá-lo a refletir criticamente sobre a vida e os comportamentos humanos. O narrador pode ser do tipo observador ou personagem, emprega geralmente a variedade padrão informal e apresenta linguagem simples e direta, próxima do leitor. Trata-se de um gênero com poucas personagens, que se inicia quando o fato principal da narrativa está por acontecer. Por essa razão, o tempo e o espaço são limitados.

Com base nesses postulados, passamos, então, à análise da atividade proposta para o estudo da crônica selecionada. Inicialmente, apresentamos as questões de interpretação, na tentativa de recuperar o contexto, pois defendemos que o contexto da situação, juntamente com o contexto da cultura, limitam e definem as escolhas e as operações linguísticas elencadas paradigmaticamente, porque cada escolha linguística adquire relevância quando comparada às outras opções potenciais que poderiam ter ocorrido. (Halliday, 1994:19, e Eggins, 1994:3).

Halliday (1989:7) chega a dizer que a relação entre texto e contexto é imprescindível, porque “um só pode ser interpretado com referência ao outro”. O primeiro é definido por Halliday como a realização, em termos linguísticos, das escolhas léxicogramaticais feitas por um indivíduo de acordo com a função, com o tipo de interação e com o ambiente social dentro de um sistema de potenciais de significados.

Com base nessa relação entre contexto e escolha léxico-gramatical, apresentamos, inicialmente, as questões referentes à atividade de interpretação, com o objetivo de que o aluno reconstruísse o contexto ou, pelo menos, parte dele:

Exemplo 1:

1. Com base na leitura e discussão da crônica “O estranho procedimento de dona Dolores”, responda:

- a) *Por que a crônica recebe esse título?*
- b) *Você a considera engraçada? Por quê?*
- c) *Quais os personagens da crônica?*
- d) *Comente, de forma breve, as atitudes estranhas de dona Dolores.*
- e) *Em sua opinião, o que pode ter levado dona Dolores a agir dessa maneira?*

As questões do *Exemplo 1* (1a, 1b, 1c, 1d e 1e) correspondem à verificação do sentido global do texto. Indagamos sobre a relação do título com a história contada pela crônica, seus personagens, o traço humorístico, as atitudes estranhas de dona Dolores e a possível justificativa para tal comportamento, pois julgamos que essa recuperação do sentido global auxiliará no sentido de partes do texto e, conseqüentemente, nas questões de Análise Linguística.

Já nos *Exemplos 2 e 3*, a seguir, o objetivo das questões reside na exploração do adjetivo não apenas no gênero textual crônica como também no anúncio publicitário, a partir de uma abordagem semântico-pragmática, distanciando-se, desse modo, da abordagem do adjetivo no limite da frase.

6. UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA PARA O ESTUDO DO ADJETIVO

Para a inclusão do nível semântico-pragmático, valemo-nos das contribuições da Análise Linguística enquanto perspectiva teórico-metodológica e especificamente nesse trabalho recuperamos as contribuições de Costa Val (2002).

Embasada na teoria sócio-interacionista de Vygotsky, Costa Val (2002) argumenta que o conhecimento linguístico, como todo conhecimento, não se adquire ouvindo teorias, mas se constrói na relação ativa com o objeto do conhecimento. Por essa razão,

as atividades de ensino-aprendizagem devem permitir ao aluno, primeiro, conviver com os recursos linguísticos, atentando deliberadamente para seu uso e seus efeitos de sentido nos textos que lê, experimentando-os nos textos que escreve; depois, explicitar de maneira organizada os conhecimentos que produziu, as regularidades que inferiu; e, ao final, ver suas vivências e descobertas contrapostas a alguma teoria já estabelecida. (p. 118-119)

Tal proposta parece-nos bastante pertinente na medida em que aluno produz seus próprios conhecimentos. Dessa forma, há uma maior aproximação com os procedimentos intuitivos de busca de compreensão do mundo e, por isso mesmo, com uma probabilidade maior de se revelar eficiente, produtiva e prazerosa na escola.

Costa Val chama a atenção, no entanto, para os perigos que esse desprendimento do caminho tradicional teoria-exemplo-exercício pode acarretar. Uma primeira precaução pode ser tomada para que o ensino não fique à mercê das eventuais características linguísticas dos textos com que se trabalha, o que acarreta um estudo desordenado, com os alunos sem saber o que estão aprendendo e os professores sem saber o que estão ensinando.

Nas questões do *Exemplo 1* acreditamos estar claro o suficiente para o aluno que estamos contemplando o gênero textual crônica e que nas questões do *Exemplo 2*, a seguir, exploramos não apenas os recursos utilizados na crônica como também as características gerais do gênero textual anúncio publicitário. Na questão 2a do *Exemplo 2*, abaixo, o aluno é conduzido a uma análise prévia da materialidade linguística da crônica na medida em que precisa realizar a identificação de expressões positivas e seus referentes para o preenchimento do quadro abaixo:

Exemplo 2:

2. a) *Releia as falas de dona Dolores e preencha o quadro abaixo, relacionando o produto às expressões positivas.*

Produto	Expressão(ões) positiva(s)

A questão 2a conduz o aluno à reflexão acerca das expressões positivas que aparecem na crônica. Ainda que não tenhamos mencionado o nome ‘adjetivo’, nem sua

definição, conduzimos o aluno a identificar alguns deles – na medida em que há ocorrências de adjetivos em meio às expressões positivas – e a refletir sobre a relação entre determinados produtos e as qualidades citadas por dona Dolores.

A identificação e reflexão a partir das expressões positivas presentes no texto constituem uma preparação para a percepção dos alunos quanto a uma característica linguística específica do gênero anúncio publicitário: sentenças com grande ocorrência de adjetivo, conforme atestam as frases reproduzidas por dona Dolores ao longo do texto. Já a associação negativa é construída em torno da própria personagem de dona Dolores, na avaliação do seu comportamento pelos familiares.

É justamente a esse ponto que chegamos com as questões 2b e 2c do *Exemplo 3* abaixo: incitamos a percepção da relação entre as expressões positivas, negativas e seus referentes. Vejamos:

Exemplo 3

2. b) *Observe que as frases ditas por dona Dolores se aproximam daquelas que comumente aparecem nos anúncios publicitários. Reflita sobre a função social do gênero anúncio publicitário e responda: por que há tantas expressões positivas nas frases dos anúncios?*

2. c) *Na crônica, as palavras “doida”, “pirou”, “nervosa” são associadas à dona Dolores. Em sua opinião, por que tais expressões negativas foram usadas por seus familiares na avaliação do seu comportamento?*

2. d) *Dentre as expressões identificadas (positivas e negativas), quais são classificadas como adjetivos, segundo a Gramática Tradicional?*

3. *Identifique outros adjetivos na crônica, explique a que/a quem tais termos se referem e tente prever a intenção do cronista ao fazer uso dos adjetivos analisados por você.*

4. *Com base nos estudos realizados em sala de aula sobre o adjetivo, elabore uma definição para essa classe de palavras, respondendo a questionamentos como: Qual a função do adjetivo?; Quando usamos?; Com qual(is) objetivo(s)?*

Na questão 2b, foi possível realizar uma reflexão intergenérica (crônica e anúncio publicitário), possibilitada pelo texto. Desse modo, a crônica permite que se

realize uma reflexão conjugada com o anúncio publicitário e sua estrutura frasal prototípica. Em seguida, possibilitamos a sistematização de uma das características linguísticas – estrutura frasal - do anúncio publicitário a partir da reflexão de seu contexto de produção, com ênfase em sua função social, especificamente. Dessa maneira, o aluno pôde não só recuperar uma marca linguística prototípica desse gênero textual como também relacioná-la à função social do mesmo. É oportuno destacar que estamos considerando o adjetivo não apenas em nível frasal, mas num âmbito maior: no gênero anúncio publicitário, viabilizado pelo gênero textual crônica.

Já em 2c exploramos as expressões negativas usadas na avaliação das atitudes de dona Dolores, com o objetivo de que o aluno ampliasse sua percepção para uma questão cultural: a de que o comportamento que se distancia do que é socialmente aceito, comum aos padrões, é associado à palavras de sentido pejorativo como “*doida*”, “*pirou*”, “*nervosa*”.

Uma vez finalizadas tais análises, procedemos à confrontação dos resultados dessas análises aos postulados da Gramática Tradicional para o tratamento do adjetivo em 2d, seguindo à risca a recomendação de Costa Val (2002) de que os alunos necessitam “ver suas vivências e descobertas contrapostas a alguma teoria já estabelecida.” (p. 119). Nessa questão são articuladas, portanto, atividades epilinguísticas e metalinguísticas, uma vez que nas atividades epilinguísticas a reflexão está voltada para o uso e nas atividades metalinguísticas estão relacionadas a um tipo de análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos linguísticos, conforme mencionamos na Introdução.

Na questão 3, solicita-se ao aluno que identifique outros adjetivos na crônica, seus referentes e a provável intenção do cronista ao fazer uso desses termos. Conjugamos, pois, aspectos semânticos, pragmáticos e textuais ao tempo em que indagamos sobre o sentido de termos específicos (adjetivos), seus referentes – o que pode conduzir à sua percepção como elementos coesivos, na textualidade –, e a provável intenção do autor do texto ao usá-los – o que garante o aspecto pragmático.

A partir destas questões, além de focalizar o sentido do adjetivo, chamamos a atenção do aluno para a provável intenção, tanto do cronista quanto das personagens, ao fazerem uso do adjetivo. Faz-se relevante destacar, nesse momento, a aproximação desse comentário com os propósitos funcionalistas de que ao produzir uma situação discursiva o indivíduo faz escolhas lexicais e estruturais de acordo com os seus

objetivos para tentar conseguir sucesso na sua comunicação e, de alguma forma, atuar sobre os interlocutores.

Por fim, na questão 4, última questão da atividade, solicitamos a sistematização dos conhecimentos acerca do adjetivo adquiridos em sala de aula, constituindo, dessa maneira, uma questão metalinguística.

Com as questões dessa seção, insistimos nas considerações acerca dos sentidos e da relação de sinonímia que os adjetivos podem vir a admitir em determinados contextos (semântica) quanto nas informações acerca de quem fala, para quem e com que intenção (pragmática), o que justifica o título do tópico: ‘Uma abordagem semântico-pragmática para o estudo do adjetivo’.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme afirmamos inicialmente, nossa intenção, neste trabalho, foi descrever como a tentativa de inovação foi produzida em sala de aula por uma professora-pesquisadora empenhada em transformar sua prática pedagógica de ensino de gramática.

No âmbito da experiência realizada, identificamos e analisamos os postulados da semântica lexical, particularmente o recurso da sinonímia, na elaboração de uma atividade de leitura e análise linguística que garantisse uma inovação na abordagem dos recursos linguísticos. Conforme ilustram nossas análises, os diferentes modos de tentativa de inovação são constituídos por uma inter-relação de atividades e práticas múltiplas e heterogêneas, apresentando os seguintes traços comuns: desenvolvimento da análise linguística com as categorias da gramática tradicional, da gramática funcional ou linguística de texto, pela teoria dos gêneros textuais e, para o estudo de categorias da gramática tradicional, o aproveitamento dos modos de descrição/análise disseminados pela linguística, focalizando sobretudo a dimensão semântica da língua.

Fica evidente, sobretudo, a pouca relevância de se estudar listas isoladas de sinônimo. Conforme pode-se constatar nas análises, é na cadeia do texto que a sinonímia ganha importância, pois a palavra e seu sinônimo – ambos presentes – passam a constituir um elo, um nexos que marca a continuidade do texto. Há uma

espécie de correspondência ou de aproximação que cria e sinaliza a continuidade necessária para se chegar a um texto coerente.

É na explicitação desse trabalho, ou seja, desses modos individuais de resolver um mesmo problema – produzir a inovação no ensino de gramática – que acreditamos residir a contribuição desta investigação para os estudos sobre formação de professores de língua materna. Considere-se que esses modos de agir, muitas vezes, não são reconhecidos, nem mesmo pelos próprios professores. Daí a importância de se reconhecer, de se compartilhar esses modos de ação nas situações em que, de fato, ocorrem, para irmos além da identificação de problemas que dificultam ou impedem a produção da inovação em sala de aula. Nesse sentido, pois, esperamos ter contribuído com o presente trabalho para uma reflexão sobre as possibilidades de ações docentes que representem tentativas de mudanças do modelo tradicional de ensino de gramática.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes, Irlandé. 2012. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial.

_____. 2005. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial.

Brasil. 1997. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília.

Brasil. 1999. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação.

Costa Val, Maria das G. 2002. A gramática do texto, no texto. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 10. n. 2. Faculdade de Letras da UFMG, Jul/Dez.

Eggins, Suzanne. 1994. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter Publishers.

Halliday, Michael.A.K. 1985. *An introduction to functional grammar*. Londres, Baltimore, Md., USA: Edward Arnold.

Halliday, Michael. A. K.; Hasan, R. 1989. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press.

Lopes, Ivã C.; Pietroforte, Antonio V. S. 2004. A semântica lexical. In: Fiorin, J. L. (org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contextop, p. 111-135.

Lyons, John. 1979. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Nacional.

Lyons, John. 1977. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Maher, Terezinha. M. 1987. O Adjetivo. Quem diria? Apontamentos para um Trabalho em Sala de Aula. In: *Trabalhos em linguística aplicada*, UNICAMP - SP, v. 9, n. 1, p. 85-89.

Neves, Maria Helena de Moura. 2000. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp.

Rojo, Roxane H. R. (org.). 2000. A prática da linguagem em sala de aula : Praticando os PCNS . São Paulo: EDUC; Campinas, SP : Mercado de Letras.

Ullmann, Stephen. 1987. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5.ed. Lisboa: Fundacao Calouste Gulbenkian.

Veríssimo, Luis. F. 1994. *O nariz e outras crônicas*. São Paulo: Ática, p.48-50.